

ENTREVISTA COM VERA SEPULVEDA – 06/06/04 EM SUA RESIDÊNCIA
(INÍCIO 10:55)

(FÁTIMA) – Bom Dia Vera. É, eu gostaria que você falasse inicialmente da sua ligação com Mesquita. Se nasceu aqui ou se você veio de algum outro lugar. Caso você tenha vindo de outro lugar, explique os motivos dessa mudança, a época em que aconteceu e como era Mesquita nessa época. Se você nasceu aqui, também eu gostaria que você falasse um pouco das suas lembranças de Mesquita quando você era pequena, quando você tinha uns 18, uns 19 anos por aí?

(VERA) – Bem, olha só Fátima, eu nasci na Penha Circular e vim pra Mesquita em 1949 com 4 para 5 anos de idade. E nesse período meu pai passou por alguma dificuldade financeira e já não conseguia mais pagar o aluguel, já estávamos morando em Brás de Pina nas casas de uns tios e ele se viu assim, se sentiu muito mal com isso, em estar morando nos fundos e tal e havia muitas complicações familiares e ele resolveu não sei como, viu um anúncio no jornal e comprou um terreno em Banco de Areia. Era só mato, né. Ali só existia, não se via nem rua, era mato puro. Então eu vim para cá com 4 anos de idade. Com relação às lembranças de infância de Mesquita eu tenho assim lembranças muito boas, é com relação ao meio ambiente, ao que se vivia na época, era uma coisa assim, um ambiente muito natural né, muito mato, muito verde, água natural, era saída da mina, nós vivíamos da água da mina quando nós viemos para cá. É, eu me lembro muito bem dos laranjais, isso na minha infância. Aí, durante a adolescência eu lembro muito bem que o primeiro Colégio Estadual em Banco de Areia foi o grupo escolar Colégio Estadual, gente, eu não posso esquecer. Colégio Estadual número 14, porque antigamente era número, né. Então, o primeiro colégio que aconteceu nessa área toda aqui do lado de cá, de Mesquita, né. Era o único Colégio que existia. Era o Colégio Estadual número 14. E a professora era de um azilo e a minha, eu lembro dessa fase assim da pré-adolescência, eu estudando naquele colégio que ele ficava ali na rua José Clemente onde hoje tem, durou muito tempo a padaria Vigal, que também foi a primeira padaria que surgiu em Banco de Areia. Nessa fase aí eu já estava com uns 10, 11 anos. Com 12 anos eu terminei a admissão, que a gente estudava até a 4ª série que era admissão e fui estudar no Colégio Silveira Leite que já era na rua Paraná, em Mesquita do outro lado. Com relação às lembranças da adolescência, eu lembro assim da Bica, que hoje onde é o Canto da Bica, em Rocha Sobrinho, se fala muito do Canto da Bica. Esse nome foi dado porque foi a primeira bica que foi inaugurada ali me parece em 1956. Acho que é isso mesmo. Em 1956, foi inaugurada a primeira bica de água que abastecia toda aquela comunidade, que era água de poço. Primeiro era mina, era natural. Mas com o crescimento da população, as minas já não davam mais vazão. Aí começaram a perfurar poços, poços, poços, poços, a água era salobra, era ruim e nós começamos a pegar água na bica lá em Rocha Sobrinho perto de. A primeira bica nem era Rocha Sobrinho, era Belford Roxo porque era na descida do viaduto já indo para Belford Roxo. A primeira bica que foi inaugurada em 1956. Mas tarde então foi inaugurada a bica e o teto da estação de Rocha Sobrinho que era aonde é hoje é Canto da Bica né. E lembro bem da questão da condução, do transporte, era muito precário. Existia uma perua que passava de hora em hora que fazia Rocha Sobrinho até Mesquita. Essa perua às 9:30/10:00 hs da noite não havia mais condução e condução para que a gente saísse daqui para ir para os grandes centros, Nova Iguaçu, eu acho que a gente tinha que vir para Mesquita e pegar o trem para Nova Iguaçu que não tinha condução de Banco de Areia para Nova Iguaçu. Assim como nós viajavamos muito no trem Maria Fumaça que era o que nós pegávamos para ir para Penha, porque nossa

mudança
do
subúrbio
pra
Banco de Areia

laran-
jais

lugares
histó-
ricos

o
trem

saída daqui era para Penha Circular, para Vila da Penha aonde morava toda a nossa família. Então nós pegávamos o trem saltávamos em Eder, não saltávamos em São Matheus, em São Matheus fazia baldiação para São João de Meriti, até Vicente de Carvalho. A questão do transporte era difícil. Com relação ao saneamento, a gente também passou muitos anos com muitas dificuldades. Tipo assim, a avenida principal que hoje é a Avenida Celso Peçanha e a Coelho da Rocha que elas se encontram, naquela época era tudo terra, muita poeira, muita poeira e eu ainda peguei parte dos Laranjais. Aquela área ali onde hoje é da Prefeitura que foi a Brahma que hoje é a Assistência Social, é Secretaria de Assistência Social, e o outro lado que é a Gasbras, né o Ultragas ou Gasbras.

(FÁTIMA) – Perto de Maria Cristina...

(VERA) – Perto de Maria Cristina. Aquela área ali toda era laranjais ainda. Na época que eu vim para cá, que eu lembro quando a gente ia para Rocha Sobrinho pegar o trem, a gente passava de um lado e do outro.

(FÁTIMA) – Você pode lembrar o ano que você veio para cá?

(VERA) – Eu vim em 1949. Em 1949, isso eu lembro bem. Depois então, já assim no período da adolescência, de 15, 14 anos, 12, 13 anos, eu lembro de alguns moradores, que eu posso lembrar até o nome deles: Seu Valente, falecido Valente; Seu Espiridião, Seu Valente, Seu Galengo, meu pai. Começaram a se reunir com o objetivo de trazer algumas melhorias para a área, proque não existia praça, não existia iluminação, a iluminação eram várias cabines, ada um botava um relógio na esquina da rua que nós morávamos que tinha pra mais. Conforme foi crescendo a população, foi ficando aquele monte de palitos de postes com relógio lá na esquina até que veio a regularização da rede elétrica. Isso já foi mais ou menos em 1958, em 1958, 57, 58. E tudo iso foi fruto da organização da comunidade que começou a se organizar com o Centro com Melhoramento Vila Bela. Esse centro com Melhoramento fazia reuniões constantes, conseguiram a implantação do Colégio Estadual Vila Bela que foi quando eles começaram a ir para Niterói, pra Assembléia Legislativa em Niterói que a capital ainda era Niterói não é isso, em 1956, 57 por aí? E eles conseguiram trazer, criar o Colégio Estadual Vila Bela e a praça do Corvo, que também foi na mesma época quando foi inaugurado a praça do Corvo que conseguiram fazer ali a praça do Corvo. Então essas são as lembranças que eu tenha da minha infância e da minha adolescência de Mesquita.

(FÁTIMA) – E com relação à diversão, à lazer na época que você era, tinha essa idade da adolescência, 18, 19 anos. Como é que era isso aqui?

(VERA) – Ah, eu lembro assim muito bem do primeiro cinema que surgiu em Banco de Areia. Não vou lembrar o nome do cinema agora. Não consigo lembrar o nome do cinema. Eu sei que a gente chamava de cinema do Braçinho. Que era do seu Antônio Bracinho, era um homem que tinha um braço meio atrofiado. Então eu lembro dos filmes que nós assistíamos ali, eu lembro eu com 13 anos indo assistir Hipócrita é e O Vento Levou, tudo ali onde hoje é a Avenida Celso Peçanha né. Era na Avenida, Rua Oscar Bueno, antiga rua Oscar Bueno. Lembro também dos parques, que nosso lazer eram os parques, e de vez em quando aparecia um parquinho, aí colocava uma área ali de lá, e tudo mundo se reunia por ali. Mais tarde houve o surgimento, em 58 e 59 também, surgimento do Gigante Futebol Clube, que esse Clube foi o seguinte. É tem memórias muito interessantes. Agora daí uma coisa vai puxando à outra. Existia ali a Olaria Gigante, onde todo mundo daquela área era funcionário da Olaria Gigante. Um homem adolescente que precisasse trabalhar, também trabalhasse na Olaria Gigante. Só que ali havia um regime ainda do tempo do coronelismo, não é. O dinheiro que

era pago aos funcionários era uma moeda furada e essa moeda só tinha valor pra cantina da da Olaria. Então o funcionário trabalhava, recebia e era obrigado a comprar tudo na Olaria.

(FÁTIMA) – Como é que era essa moeda furada?

(VERA) – Era uma moeda que eles furavam a moeda então a moeda não tinha valor. Vamos dizer, quinhentos reis, que eu lembro bem dos quinhentos reis. É, eu não consigo lembrar do restante do dinheiro, o dinheiro que eu lembro muito era quinhentos reis, porque a moeda que a gente tinha sempre na mão era quinhentos reis. Então eles furavam as moedas e lá dentro tinha uma patina onde vendia cobertor, vendia alimentação, vendia vestiário, vendia panela, vendia tudo. Então todo dinheiro que eles recebiam, eles tinham que deixar ali mesmo. Mais tarde essa coisa foi né, a população foi se desenvolvendo, pressionando, começaram as pressões e isso acabou. E a Olaria continuou, mais tarde então eles resolveram criar um espaço de lazer para a comunidade. Então na época o Antônio Quintela criou o Gigante Futebol Clube, inclusive eu cheguei a ser rainha do Gigante Futebol Clube, em 1950, acho que em 58. Essas coisas todas aconteceram mais ou menos em 58, 56, 58 por aí. Então ele criou com o objetivo de proporcionar lazer aos funcionários da fábrica e à comunidade um todo. Então era um clube muito chique assim, muito bem montado com quadra de vôlei, é quadra, tinha tênis de mesa, futebol. Então o nosso lazer era o gigante né, as nossas tardes de sábado e domingo, de toda a juventude ali era o gigante. Que durou por bastante tempo, depois foi por desentendimento de alguns diretores, um assumiu uma coisa, uma outra coisa foi morrendo, aí surgiu o Maravilha que era outro clubezinho que já era mais, mais, não era tão elitizado, porque o Gigante ele era um clube de Elite. Por que? Porque o administrador da Olaria era diretor, o sargento Cunha fazia parte da diretoria, o seu Gelson de Freitas que também era militar, fazia parte da diretoria. Então era uma coisa assim mais elitizada, a família Cabral, as famílias assim mais elitizadas, a família da Dona Sílvia e do Seu Paulo que moravam na rua Barros Peixoto que eram ligados também a política e tal, também faziam parte. Então o Gigante era um clube elitizado. Da elite que Banco de Areia juntava, a elite e os menos favorecidos. Então se juntavam todos no Gigante. Que o Gigante mais tarde por um puta desentendimento entre essa diretoria, ele foi, caiu, acabou. E tinha o Maravilha, eu não cheguei a participar quase do Maravilha porque nesse período eu tava namorando, casei muito cedo, casei com meus 17 anos, 18 eu já era mãe e já não participava tanto. Mas as lembranças que eu tenho de Mesquita, de Banco de Areia que foi onde eu praticamente vim com 4 anos de idade né, me criei em Banco de Areia e criei os meus filhos as lembranças que eu tenho eram boas.

(FÁTIMA) – O Vera olha só, só lembrando um pouquinho, retornando, você disse que vocês vieram pra cá com 4 anos, você veio pra cá com 4 anos. Você podia lembrar um pouco mais porque que seu pai resolveu ou escolheu ou veio pra cá pra Mesquita? Teve algum motivo principal, além do que você já falou?

(VERA) – Não, não, não. O motivo foi só a necessidade. O desespero de não querer continuar morando nos fundos da casa dos meus tios e não ter dinheiro pra comprar um terreno em outro local.

(FÁTIMA) – Mas por que, os terrenos aqui eram mais baratos, mais em conta?

(VERA) – Eram mais baratos, era um loteamento novo que tava saindo no Jornal O Dia. E foi através do jornal que meu pai num domingo de desespero, olhou o jornal e veio bater aqui em Mesquita pra comprar esse terreno. Porque era o mais barato que ele podia encontrar dentro das condições que nós tínhamos né.

lotes
baratos

X w (FÁTIMA) – O Vera, olha só, agora eu queria que você falasse um pouco sobre as formas de participação aqui em Mesquita. Se você já foi ligada a algum movimento social na cidade, seja associativo, religioso, sindical. Se você já foi, quais foram esses movimentos e se você ainda é ligada em alguma coisa, participa de alguma coisa?

(VERA) – Bem, a primeira participação minha foi no grupo jovem da Igreja Nossa Senhora de Fátima em Banco de Areia né. É, eu participei e cheguei até a ser coordenadora durante um período do grupo jovem. Daí em então a minha participação começou a crescer mais com o surgimento do Partido dos Trabalhadores né, no Partido dos Trabalhadores porque naquele período nós vivemos assim um momento em que a Igreja estava muito preocupada com a consciência política da comunidade, de cada comunidade. Então surgiram as semanas de convivência política é, palestras feitas pelo padre Valdir e tal, e a gente foi se despertando mais pra essa questão e daí o surgimento do PT e me filiei ao Partido dos Trabalhadores né. Então comecei a militar no Partido dos Trabalhadores e na Associação de Moradores de Santo Elias. Primeiro eu comecei a participar da Associação de Moradores de Santo Elias, mais um grupo de amigos é que eram também, começaram a militar no Partido e nós começamos a militar na Associação de Moradores de Santo Elias. Daí então nós percebemos a necessidade de criar uma Associação de Moradores em Banco de Areia. E criamos essa Associação e eu fui eleita a presidente no primeiro mandato. Daí então a participação foi crescendo né, participei do MAB, do Movimento Amigos de Bairros de Nova Iguaçu, fiz parte do Conselho Fiscal do MAB, é participei durante muitos anos da Associação de Moradores em Banco de Areia, o primeiro mandato eu fui presidente, no segundo eu já estava pra me mudar de Banco de Areia, aí queriam fazer a minha reeleição, eu não aceitei, fiquei como vice-presidente. Mais tarde mudei de Banco de Areia, mas tive assim uma atuação é em Vila Emil, porque eu morei na Vila Emil, nós criamos lá já existia a Associação do Parque Ludolfo, que eu participei esporadicamente, não cheguei a ser membro da diretoria, criamos um pré-núcleo dos Partido dos Trabalhadores também na Vila Emil e coordenei a Regional Cinco das Associações de Moradores e coordenei também a 13ª Zonal dos Partido dos Trabalhadores de Mesquita. Então tive uma atuação até chegar, é, a presidir a Associação do Mutirão, isso já em 1993,94 eu participei da Associação de Mutirão de Santo Elias que era uma Associação que lutava por uma área de terra que tinha, que algumas pessoas tinham sido enganadas e a gente tava lutando para que pudesse as pessoas ocuparem aquela área que hoje nós temos dentro dessa área 140 famílias graças à Deus. E hoje eu tenho participado mais de longe um pouquinho das coisas, fui presidente da Federação dos Mutirões Rurais e Urbanos de Nova Iguaçu, durante 4 ou 5 anos eu presidi a Associação, a Federação. Participei do Movimento Nacional dos Direitos Humanos, indo para as reuniões na Regional Leste em Vitória do Espírito Santo, em Brasília e hoje devido aos meus problemas de saúde eu tô assim, um pouco afastada de tudo. Mas tenho bastante, boas lembranças e acho que tudo valeu a pena. Foi muito bom.

(FÁTIMA) – O Vera, agora a gente vai conversar com você o seguinte. Eu queria que você lembrasse de como que você tomou conhecimento pelas primeiras vezes sobre o movimento de emancipação de Mesquita? Como é que foi isso né e depois queria que você colocasse também no seu ponto de vista quais são os marcos principais desse movimento, a forma da sua participação nesse movimento, se teve participação né e isso.

(VERA) – Bem, eu comecei a me situar mais dentro dessa questão da emancipação a partir de 86, 86 que foi o primeiro plebiscito não foi isso? Mas em 86. Bem, mas eu ouvia algumas coisas de 1957 quando existia já o movimento pró-emancipação que eu sempre tive uma rejeição muito grande por ele eu lembro.

Reuniões da emancipação

1957
=

(FÁTIMA) – Mas você ouvia de quem essas coisas, esse movimento de 1957?

(VERA) – Eu ouvia do meu pai, meu pai não era emancipista também, não se juntou ao grupo, não fazia muita pressão em relação à emancipação, a gente tinha um certo, ele tinha um certo temor de que não tinha condições, que Mesquita não havia condições de se emancipar, que era uma coisa muito pobre, um município, uma cidadezinha muito pequena e tal e eu ouvia aquelas coisas todas até com relação, não sei se devo falar ou não, é que em 1956 quando esse pessoal emancipista, o grupo de emancipadores de Mesquita, é um grupo né, hoje só se fala no emancipador, mas houve um grupo que lutou muito por isso. E eu me lembro bem de ouvir meu pai falar, esse grupo parece que entregou até uma documentação na Assembléia Legislativa e quando foram até lá, houve uma notícia de que tinha havido um incêndio no gabinete do então deputado Estadual José Montes Paixão e os documentos se perderam. Isso eu me lembro de ouvir falar. Agora já de 86 pra cá, não, eu já acompanhei com a minha rejeição, porque nesse período eu já presidia a Associação de Moradores de Banco de Areia e fizemos até reuniões, eu sempre me manifestei contra a emancipação, mas logicamente era o dever de abrir a discussão né. E uma das pessoas que é mais da luta dos emancipadores de Mesquita que era o seu Regner, falecido Capitão Regner, não é isso. O Capitão Regner ele esteve em uma de nossas reuniões e falou sobre os benefícios da emancipação e eu sempre me manifestando contrária, questionando muito, com relação à economia que eu achava que a economia de Mesquita não era suficiente pra manter um município, uma Câmara, uma Prefeitura e outras e outras despesas que viriam e que a gente não iria avançar muito com isso. Então a minha posição foi sempre contrária à emancipação. Eu nunca me manifestei a favor. Isso em 86 nós chegamos a fazer reuniões na Associação de Moradores de Banco de Areia. Bom, em 1993.

dúvida no relato do sumário do processo

Movimento de 80

posição contrária à emancipação

(FÁTIMA) - E aí, teve o plebiscito, e no plebiscito de 87 como é que vocês participaram? Vocês participaram então?

(VERA) – Não, nós não participamos. Eu não participei e a Associação também, foram algumas pessoas votaram. Foi uma coisa assim muito individual. Que eu não preguei que não vá votar, algumas pessoas foram e outras não. Como sempre eu às vezes eu faço umas coisas tão estratégicas né, que no dia, dia eu levei pra emancipação, o plebiscito ^{será} dia 06 de Outubro ou Setembro de 86, e eu fiz um desfile de modas em ~~Moetário~~ ^{Moetário}, Social Clube Moetário, na véspera desse plebiscito. E muitas das pessoas amigas minhas queriam votar ficava até as cinco da manhã. E no outro dia estavam cansadas, e eu não sei se foram votar ou não. Depois em 93, quando houve o movimento, novamente eu morava na Vila Emil, houve um movimento e um plebiscito e parece que houve um plebiscito. Desse aí eu me mantive totalmente, aí o Partido dos Trabalhadores já estava com uma posição mais a favor da emancipação. Mas eu continuava radicalmente contra. Então eu não tomei conhecimento de nada e não quis nem saber. Isso foi em 93. Em 95, aí foi quando aconteceu a ocupação aqui de Santo Elias. As famílias estava acampadas ainda e a gente tinha conseguido a primeira conquista que foi a publicação no Diário Oficial da desapropiação da área pra moradia das famílias e até a panagem da área. Então no dia do plebiscito a gente fez uma grande festa pela primeira conquista da área. Então rolou muito cerveja, muita coisa e a população aqui ninguém foi votar novamente, né. Mas uma vez em vendi uma estratégia com que eu fiz que as pessoas não votassem, porque eu continuava contra a emancipação.

Está há 10 anos pra votar nos plebiscitos

(FÁTIMA) – Você se lembra desse dia? Além dessa festa, você se lembra do dia do plebiscito, tem alguma lembrança a mais a não ser a festa que você realizou aqui no mutirão?

(VERA) – 26 de Novembro. Eu lembro sim, lembro que passaram alguns carros, algumas kombes pegando as pessoas pra levar pra votar, passava alguns políticos que tinham interesse né, que Mesquita fosse emancipada, é então existiam kombes falando toda hora do plebiscito : “ Vamos votar, vamos libertar Mesquita”. Isso aí eu lembro, mas a gente tava tão envolvida pra lá e as pessoas ainda se escondiam e falavam assim: “ E não vou lá votar nada não, eu não vou votar não”. E a lembrança que eu tenho é essa, dos carros de som passando convocando as pessoas para irem votar.

memória em disputa

(FÁTIMA) – Você já escutou falar no Comitê pró-emancipação de Mesquita nesse período? Você tem alguma lembrança desse Comitê, o papel que ele exercia nesse movimento de emancipação?

(VERA) – Olha Fátima, pra te ser sincera eu não tenho não. Eu não me lembro, não consigo, eu não consigo me situar dentro desse processo de emancipação de Mesquita. De repente é uma coisa muito retrógrada né. Eu, uma pessoa consciente e ter uma rejeição tão grande pela questão da emancipação de Mesquita. Mas eu acho que também eu fiquei assim devido a perceber o oportunismo de algumas pessoas. Porque a gente já sabia o que seria essa história, em que cairia isso né. Cairia em que? Um interesse muito grande em alguém de ser o pai da emancipação pra poder se projetar politicamente em cima da emancipação que foi justamente o que aconteceu né. Criamos, foi criado o pai da emancipação, não acredito que a população, que essas pessoas que dependiam tanto da emancipação que elas fossem mau intencionadas. Existiam pessoas ali logicamente que achavam que Mesquita ia avançar, ia crescer a partir da emancipação. E elas não eram pessoas é oportunistas. Mas só que os políticos eleitores assim, como o caso do José Montes Paixão que a gente sabe quem em 98, foi em 98 que ele não conseguiu nele se eleger como Deputado Estadual? Em 94, estava tão caído, tão caído, que ele precisava fazer alguma coisa pra poder retornar ao cenário político né. E ele retornou em cima da questão da emancipação. Eu acho que as pessoas que trabalharam no Comitê pró-emancipação tinha pessoas bem intencionadas, mas que também foram usadas por eles, por estes políticos que queriam usar o processo da emancipação pra fazer a sua, a carreira política né.

Esqueci - muito ↓ estratégia da memória

a quem tá do poder =

(FÁTIMA) – Bom Vera, olha só, então hoje a gente tem o município emancipou em 99 né, é a gente já tem quase cinco anos de Mesquita emancipado. Eu queria que você falasse um pouco sobre esse período. Quais são as suas expectativas agora em relação à nova cidade, o que que você acha né, você tinha uma idéia da emancipação, você sempre foi contra, mas Mesquita emancipou. E hoje como é que você se situa nisso?

(VERA) - Olha sinceramente, a gente acha que é tão pouco o que aconteceu durante esses cinco anos né, durante esses quase cinco anos a gente viu o que? Que Mesquita teve muito poucas melhorias né? Teve alguns colégios municipalizados, deu um certo acesso às crianças com esse pré nas escolas municipais, a nível de educação eu acho que melhorou um pouquinho essa questão das escolas municipalizadas, começou a criar um colégio aqui, outro aqui, favoreceu em algumas áreas com relação à dificuldade de colégio para crianças da do ensino fundamental. Com relação à infraestrutura, à questão de saneamento, essas coisas eu acho que foi muito pouco. Com relação ao comércio, eu acho que também Mesquita não melhorou quase nada. O comércio não cresceu que a gente esperava.

(FÁTIMA) – E a inauguração das lojas Cem lá no centro de Mesquita?

(VERA) – É, a única coisa né que aconteceu foi a inauguração das lojas Cem no ano eleitoral né? E ano eleitoral, ainda mais último ano de mandato é o momento que ou eu faço alguma

coisa ou eu danço. Então começou, esse ano começavam a acontecer algumas coisas né. É, a construção do prédio da prefeitura né, é aquela área ali onde existem os eventos, área de eventos, parque de eventos que isso foi ano passado, mas as praças que estão sendo modificadas né, tudo isso que a gente percebe que não passam de obras eleitoreiras e obras faraônicas como as comunidades mesmo que estão na lama, continuam na lama. Ainda ontem eu estava assistindo ao Fala Baixada, e vi uma entrevista com o morador de Banco de Areia lá daquele finalzinho lá de trás dos cantões da rua Mastúcio, da Piassava e o abandono continua o mesmo, a vala negra continua correndo a céu aberto né. O povo continua cheirando cocô. Então a gente viu que o que aconteceu durante esses 4 ou 5 anos não era aquilo que a gente esperava, a gente esperava melhorias. Banco de Areia que foi o lugar onde eu praticamente me criei tá na lama, na lama total. Hoje em dia a padaria enche, coisa que não enchia. Por que? Com a construção de um pinicão na praça Pindorama né, aquela estação de tratamento de esgoto, aquilo ali em vez de tratar o esgoto, está jogando o esgoto a céu aberto. Praça do Povo e praça Pindorama hoje estão inundando das águas entrarem dentro do comércio. E qual é a solução que a gente encontra para isso? Foram 4 anos, estamos chegando no final. Então eu acho que não houve muita melhoria, que não aconteceu o que a gente esperava. A gente esperava o que? Que as áreas mais abandonadas seriam melhor atendidas né, porque foi esse povo que votou pela emancipação. Foi o povo da Jacutinga, foi o povo lá de dentro do parque Maria Cristina, lá do final, lá do cantão perto do Sarapuí. É o povo de Banco de Areia dos buracos lá de dentro, esse povo é que votou e que tinha esperança de melhoria. E a gente não viu essa coisa acontecer.

(FÁTIMA) – O Vera, você chegou a falar aí na construção da prefeitura, então eu queria conversar um pouquinho sobre isso, você sabe que a Prefeitura, o Complexo da Prefeitura chama-se Praça dos Três Poderes tá se construindo em cima de uma antiga fábrica não é que foi demolida. No lugar da Brasferro né, ali tinha uma fábrica né, que funcionou e que foi demolida para dar lugar à construção da Prefeitura. Eu queria que você recordasse um pouco, falasse um pouco da Brasferro né, que lembranças se você tem algumas lembranças da Brasferro, é o que você achou disso tudo né, e lembrar um pouco né, essa questão da fábrica né, que existia ali?

(VERA) – É, a Brasferro foi um patrimônio histórico de Mesquita né, porque não houve jovem em Mesquita que não tivesse trabalhado por ali, que não tivesse tido seu primeiro emprego na Brasferro né. É a gente tem uma lembrança da Torre da Caixa D'água né, que é o que despertava muito a população de Mesquita, quando subia o viaduto de Mesquita, a primeira coisa que se via era a Torre da Caixa D'água que foi demolida e que eu acho que aquilo deveria ter sido preservado porque era um patrimônio histórico de Mesquita né. Era uma coisa que Mesquita cresceu com a Brasferro, a economia de Mesquita na época era através das ~~holarias~~ holarias da Brasferro e da PUMAR né, que era ~~holaria~~ holaria gigante, ~~holaria~~ holaria guaraciaba, ~~holaria~~ holaria Ludolfo aqui em Mesquita né, no centro já na praça onde nós temos hoje ali a praça João Luis do Nascimento e aqueles prédios ali era aonde existiam a ~~holaria~~ holaria Ludolfo e a Brasferro também faz parte dessa história toda né, dessa história de Mesquita. Então eu acho que a gente não pode nunca esquecer a história, a história do nosso município, ainda que ele cresça, que ele foi emancipado, que seja criado o ~~passo~~ passo municipal, mas eu acho que teria que preservar algumas coisas como o patrimônio histórico de Mesquita. Então a lembrança que eu tenho de Mesquita com relação a isso é a Caixa D'água. A outra lembrança é a Torre da Chaminé de BNH, que a ~~holaria~~ holaria acabou, aconteceu a construção das casas do BNH, mas na praça do Chaminé, permaneceu o Chaminé que era uma coisa histórica né. Foi ali que a população trabalhou, cresceu e construiu Mesquita né. Mesquita cresceu em cima das ~~holarias~~ holarias,

da Brasferro e da PUMAR. Foram os três polos industriais que nós tivemos aqui e que deu, é geração de renda à população.

(FÁTIMA) – Vera, olha só eu queria saber se você deseja falar mais alguma coisa sobre esse assunto né da emancipação, de Mesquita né, a gente tá encerrando e se você teria algumas pessoas ou alguma pessoa a indicar para serem entrevistados com relação a essa questão da emancipação?

(VERA) – Eu acho que bom Mesquita emancipou né e hoje não adianta a gente chorar o leite derramado. Eu penso hoje que a gente ainda pode e tem condições de fazer de Mesquita uma cidade né. Por que? Porque Mesquita tem muita beleza natural ainda né, a gente tem Adegá ^{Lilva} Robesto Leal, que é um polo cultural muito grande, aonde a gente ali pode fazer muita coisa que venha trazer é renda pra Mesquita, é que se faça daquilo ali um pouco de turístico de fato que ainda não é. Eu acho que a gente pode é criar em Mesquita muitos muitos polos que vão dar condições de que Mesquita cresça de fato e que atenda, possa atender à população carente que ainda é muito grande em Mesquita no sentido da infra-estrutura né. Então eu acho que tem coisas assim que são muito importantes como a questão cultural. Hoje a gente vê reforma de praça, mas a lona cultural que se pensou em ter aqui em Mesquita ela não aconteceu né, eu acho que é importante que ela venha a acontecer e a gente tem tudo para que isso aconteça. É eu acho Mesquita tem que hoje se preocupar com a questão cultural, tem que ter um cinema, já que é uma cidade tem que ter um cinema, tem que ter um teatro, um polo artístico, tem que ter uma série de coisas que a gente tem tudo pra fazer, não só construir praças e derrubar árvores né. É mais ou menos por aí, eu vejo assim. E se eu tenho alguém que possa ser entrevistado... Eu quero pensar numa pessoa até que possa dar dados melhores do que eu. Estou pensando aqui, tinha uma senhora em Banco de Areia, agora que eu lembrei, que ela foi emancipista, dona Lina, eu não sei se está viva ou não. Ela é mãe do Nelsinho, mora ali na Avenida Celso Peçanha, quase em frente à praça do Povo. Ela teve uma atuação muito grande no processo de emancipação, dona Lina. Eu espero que ela ainda esteja viva.

(FÁTIMA) – Será que quando você tiver melhorzinha um pouco, você pode entrar em contato com alguém de lá, porque a gente sabe que pra gente conseguir às vezes uma entrevista é preciso alguém que nos indique né pra gente conseguir chegar. É importante.

(VERA) – Eu posso sim, eu posso entrar em contato com o filho dela através do Henrique, porque o Henrique se dá muito com o filho dela. Aí eu vou perguntar ao Henrique se ela ainda está viva, mas eu acho que a dona Lina tá viva sim. E ela é uma pessoa boa pra falar também sobre Mesquita.

(FÁTIMA) – Tá bom Vera. É, obrigada. A sua entrevista foi muito importante, acho que você deu muitas contribuições e se a gente precisar voltar pra detalhar mais alguma coisa né, aí a gente faz uma nova sessão.

(VERA) – Eu acho que eu falo demais.

(FÁTIMA) – De jeito nenhum.

TÉRMINO DA ENTREVISTA ÀS 11:38 H.